

# INDIOS OPRIMEM E AMEAÇAM COLONOS

Um grupo de colonos residentes na área fronteira entre Espigão do Oeste e Aripuanã, no Mato Grosso, esteve na semana passada, nesta cidade, para conseguir junto às autoridades políticas locais, providências no sentido de diminuir as pressões que estão sofrendo da parte de elementos que se dizem a serviço da FUNAI e das polícias federal e civil. Segundo eles, recebem constantemente ameaças a fim de que deixem suas propriedades, uma vez que afirmam ser aquela área da tribo dos Orós.

O conflito já se estende por mais de um ano e os pequenos produtores estão impedidos de fazer qualquer tipo de plantação porque não conseguem retirar suas colheitas para comercializar. Segundo contam, armou-se na fronteira um esquema de vigilância permanente proibindo a saída de qualquer espécie de mercadoria e a entrada de materiais para construção de tulhas, chiqueiros, galinheiros ou currais, além de outros.

## PERSEGUIÇÃO

O que deixa os colonos revoltados é o fato de possuírem documentos emitidos pelo INCRA, há mais de três anos, garantindo-lhes o direito de posse. "Quando compramos aquelas terras ninguém nos falou que era reserva indígena. Além disso, há moradores na região com mais de oito anos que nunca viu um índio, sequer, andando por ali. De repente, a Funai apareceu junto com os policiais e logo em seguida começou a aparição de índios, dizendo que são da tribo Orós, querendo suas terras de volta", contou um dos colonos.

Temendo sofrer perseguições maiores, caso se identificassem, os pequenos produtores preferiram falar em grupo: "Parece que os índios que soltaram lá dentro, vieram de avião, ou caíram do céu, pois até os Suruí que são nossos vizinhos de área afirmam que naquele lugar não morava outra tribo. O pessoal da Polícia Federal e da FUNAI permite que esses ín-

dios usem armas de fogo. Mas os colonos não podem ter nem espingarda de caça".

Ainda na semana passada, um dos integrantes do grupo que veio a Espigão do Oeste sofreu um atentado. Caminhando ao largo da estrada, sentiu que dois disparos de floba 22 por nada o atingiram. Quando voltou-se para conferir de que lado vieram, viu dois índios que saíram do mato. Só conseguiu livrar-se porque fez um gesto de passar a mão na cintura, salvando-se. Quando deu ciência aos policiais do ocorrido, eles lhe disseram: "O problema é seu. É você quem está na terra deles".

## LITÍGIO

Tentamos falar com o Assessor de Comunicação da FUNAI, em Brasília, Sr. Roellof Sá, e ele nos disse: "desconheço a existência deste conflito, pois aquela região é da alçada de Cuiabá. Pode realmente estar ocorrendo a ação de outros grupos interessados na área mas seguramente não podemos afirmar".

Em Cuiabá, tentamos saber o que está aconte-

cendo. No entanto, o superintendente da Funai em Cuiabá, Sr. Nilson Campos Moreira, não foi encontrado no último fim-de-semana. De acordo com a prefeita Lúcia Tereza Rodrigues dos Santos, que já foi a Cuiabá depor em favor dos posseiros, existe uma ação da Funai, movida em Cuiabá, para re-integração de posse daquelas terras, que depende de sentença de um juiz local. Porém, essa sentença ainda não foi exarada, o que deixa a questão um tanto quanto confusa.

Os colonos perguntam: "Se a sentença do juiz não foi dada, por que essa pressão toda para que a gente saia de lá, assim, sem mais nem menos? Por que os policiais que estão na área nunca se identificaram? Por que o tal de Polaco, que se diz da Funai, nunca nos mostrou suas credenciais. Por que é dado aos índios (uma minoria) o direito de matar nossas criações e até de derrubar nossos barracos?".

Embora não haja sentença do juiz declarando a área propriedade da

fantasmagórica tribo dos Orós, os agentes que se dizem federais, policiais civis e da Funai nos deram prazo até abril para desocupar as terras?

## PRA ONDE IR?

O drama maior dos posseiros é que eles não sabem o que fazer se perderem suas terras. E nas condições atuais, não têm como sobreviver, pois nada podem levar para suas propriedades a fim de beneficiá-las. "Se nos tirarem de lá, quem vai nos indenizar pelas benfeitorias que fizemos? Para onde iremos com nossas famílias?" indagam.

Por enquanto, moram na região cerca de 600 famílias. Todas ameaçadas com armas e vozeirões. Elas só têm perguntas que não conseguem resposta. Mesmo porque, não conseguem entender o que realmente está acontecendo. Só têm resposta para uma questão: acham que, de fato, estão sendo injustiçados, ameaçados, explorados e oprimidos pela ação de organismos que nada têm a ganhar ou perder com o problema. Ou têm? (HP)